



A Produção do Território: Formas, Processos, Desígnios

LIVRO DE RESUMOS PROVISÓRIO

1.2. FORMAS 2

ELEMENTOS E PADRÕES, ESPAÇOS PRIVADOS E COLECTIVOS

1.2_1

Revitalizar o território do Alto Douro Vinhateiro - de Pocinho a Barca D'Alva

Inês Areia (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto; Portugal)

Clara Pimenta do Vale (CEAU-FAUP; Portugal)

Mariana Abrunhosa Pereira (CEAU-FAUP; Portugal)

O Alto Douro Vinhateiro (ADV), reconhecido pela UNESCO como património mundial em 2001, na categoria de “paisagem cultural, evolutiva e viva”, reflete o trabalho das gerações durienses sobre o território, que moldaram as encostas de xisto do Douro, na “mais antiga região vitícola demarcada e regulamentada do mundo”[1]. As condições geográficas e climáticas ímpares, aliadas às técnicas tradicionais de cultivo, favoreceram a criação dos conhecidos Vinhos do Douro. Em consequência do volumoso interesse internacional, a exploração vinícola apropriou-se, rápida e intensamente, do território duriense e desempenha, até hoje, o papel principal no desenvolvimento da região e na transformação da sua paisagem.

A identidade do ADV encontra-se na repetição desalinhada das montanhas, nos muros de xisto que as torneiam, nos socacos e patamares, nas cores e variações das vinhas, nas construções de apoio à vinha, nos caminhos estreitos, nas quintas de produção vinícola que pontuam a paisagem e no contacto com o rio Douro.

Trata-se, contudo, de um terreno difícil, de grandes inclinações e altitudes, com uma rede de comunicações escassa e débil. Os povoados, dispersos e, maioritariamente, pequenos, concentram as primeiras necessidades da população, dependendo forçosamente dos núcleos maiores para uma oferta mais abrangente. O acesso entre povoados é tortuoso e demorado. Por sua vez, as ligações entre povoados e principais núcleos urbanos, apesar de terem qualidade superior e mais condições, representam ainda percursos morosos e intrincados.

As crises sobre o Douro e a vinha, os lucros e benefícios do vinho entregues aos grandes produtores e empresas (maioritariamente estrangeiras), o desemprego, a escassa oferta de atividades, serviços, cultura e investimentos, contribuíram para o aumento do despovoamento no Douro. A população opta pela emigração ou por cidades maiores, deixando para trás aldeias envelhecidas, onde não há passagem de memórias e valores.

A classificação, em 2001, direccionou olhares nacionais e internacionais para o ADV, promovendo e diversificando a oferta turística da região. Tornam-se centrais as questões de preservação do património e gestão do território. Contudo, e apesar de um conjunto recente de ações, entidades e investigação, é, ainda, evidente a “falta de uma entidade gestora que concilie os diferentes interesses e planos existentes para o território”[2].

Esta comunicação pretende analisar este território, com especial enfoque na revitalização da linha férrea desativada do Pocinho a Barca D'Alva, e traçar uma estratégia dinamizadora que articule o valor histórico, cultural e patrimonial da região, numa rede integrada de conjuntos com interesse patrimonial, como os edifícios vagos ao longo da linha férrea, novos percursos e pontos atrativos da paisagem. Rede, que reúne o existente com novas necessidades sociais, que perspetiva o desenvolvimento do (eno)turismo a par de novas políticas de economia locais, e que constrói um território plural, evolutivo, de convergência entre viver e visitar.

[1] Aguiar, Fernando Bianchi de (coord.). (2000). “Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial”. Porto: Fundação Rei Afonso Henriques

[2] Fauvrelle, Natália. (2010). Gestão da paisagem classificada do Alto Douro Vinhateiro: 2001-2010. “Revista de Letras”. II, nº9, 237- 250